

A VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR: UM ESTUDO COM ALUNOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO INTERIOR DO ESTADO DE RONDÔNIA

Dayane Fernandes Ferreira¹

Rosani Teresinha da Silva Stachiw²

Eraldo Carlos Batista³

RESUMO

O presente artigo teve por objetivo investigar o índice de violência que se manifesta no cotidiano escolar. Como método, utilizou-se uma abordagem quantitativa de natureza descritiva, com amostra composta por 108 alunos do sexto ano de uma escola da rede pública de ensino do estado de Rondônia. Os dados foram coletados por meio do Inventário de Indicadores de Violência no Espaço Escolar – IIVE, Charczuk (2005). Os resultados mostraram que a violência psicológica foi a forma de violência mais sofrida pelos participantes do estudo, representada por 54,9% dos alunos do sexo masculino e 49,9% do sexo feminino. Os dados mostraram, ainda, que 36,1% dos participantes relataram ter sido vítimas de mais de um tipo de violência na escola. Conclui-se que a violência, independentemente das suas formas, está presente no cotidiano da escola investigada.

PALAVRAS-CHAVE: Violência. Escola. Aluno.

1 INTRODUÇÃO

A violência é hoje tema de discussão nos mais variados meios de comunicação, nas instituições educacionais, religiosas e em comunidades nas quais quase sempre está correlacionada com a desigualdade de poder. Sobre essa temática, estudos teóricos e pesquisas empíricas estão sendo desenvolvidas pelas mais diversas abordagens e correntes filosóficas de pensamento, a fim de identificar suas causas e consequências na vida do ser humano.

2- Bacharel em Psicologia pela FAROL - Faculdade de Rolim de Moura, aluna especial do programa de Mestrado Acadêmico da Universidade Federal de Rondônia-UNIR. E-mail: psicologadayane2015@hotmail.com

1- Bacharel em Psicologia, Especialista em Didática do Ensino Superior, Professora colaboradora da Universidade Federal de Rondônia-UNIR. E-mail: rosani_stachiw@hotmail.com

3- Psicólogo, Mestrando em Psicologia pelo Programa de Pós Graduação Mestrado Acadêmico – MAPSI, pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Docente da FAROL e FSP – Faculdade São Paulo. E-mail: eraldo.cb@hotmail.com

De acordo com Michaud (1998, p. 08), o termo, “violência” “vem do latim *violentia*, que significa violência, caráter violento ou bravo, força. O verbo *violare* significa tratar com violência, profanar, transgredir.” O autor postula que a força que pode indicar uma multiplicidade de comportamentos e ações físicas tornar-se-ia violência quando passasse da medida ou perturbasse a ordem.

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), a violência é definida como o “[...] uso intencional da força ou poder em uma forma de ameaça ou efetivamente, contra si mesmo, outra pessoa ou grupo ou comunidade, que ocasiona ou tem grandes probabilidades de ocasionar lesão, morte, dano psíquico, alterações do desenvolvimento ou privações” (OMS, 2002).

Ao termo violência, conotam-se atos de agressividade verbal ou física contra outrem, o que, segundo Williams (2003), ocorre, na maioria dos casos, quando há uma desigualdade entre a vítima e agressor, como em episódios de violência do adulto contra a criança e de homem contra a mulher, manifestando-se nos mais diversos ambientes.

Dentre os ambientes em que a violência ocorre, destaca-se o espaço escolar como sendo um local onde a violência é uma das principais preocupações da sociedade, uma vez que deixa de ser apenas produto de uma cultura de violência externa e passa ser constituída também neste espaço, caracterizada pela violência física, psicológica e verbal.

Essas faces da violência são constituídas principalmente pelo desrespeito, pelas ameaças e pelas agressões praticadas pelos alunos, como exemplifica Guimarães (1992), quando diz que a violência vem ganhando novas formas com o decorrer do tempo, sendo presenciada e negligenciada muitas vezes em todos os seguimentos da instituição escolar. A escola vive um momento em que os conceitos que foram a ela atribuídos, encontram-se ameaçados. Um fenômeno que tem assumido tal proporção que a escola não sabe mais que medidas podem ser tomadas para sanar tal problema (SPOSITO, 1998).

Dentro de uma visão de natureza política, violência pode ser definida como a intervenção física voluntária de um indivíduo ou grupo contra outro indivíduo ou grupo (ou também contra si mesmo), geralmente à revelia deste indivíduo e/ou grupo, tem por objetivo destruir, ofender e/ou coagir. Nesse conceito, a violência pode ser direta, atingindo fisicamente o corpo de quem sofre e indireta, quando modifica o ambiente físico, visando prejudicar o outro. Entretanto, Pupo (2007) alerta para o fato de que esse modelo conceitual limita a análise do fenômeno da violência à agressão e ao uso da força física no contato humano, excluindo qualquer outra forma de violência implícita como a violência verbal ou psicológica.

Nesse sentido, deve-se ressaltar que a violência por ser um fenômeno complexo e resultante de múltiplas determinações, assumindo dimensões diferenciadas e contextualizadas. Por meio desse modo de olhar, a violência pode ser definida como qualquer ato ou ação de um indivíduo ou grupo, cujo fim é ferir e/ou ofender um indivíduo (ANSER; JOLY; VENDRAMINI, 2003). Na definição delineada acima, os autores supracitados oferecem pistas para a compreensão da violência, que engloba todas as formas de práticas de atos violentos, desde os mais visíveis àqueles que se apresentam de forma mais sutis.

Em aprofundamento a essa discussão, Abromovay define violência como:

Golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismo; incivildades: humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito; violência simbólica ou institucional: compreendida como a falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos. Também é a negação da identidade e satisfação profissional aos professores, a sua obrigação de suportar o absenteísmo e a indiferença dos alunos (ABROMOVAY, 2002, p. 69).

Em sentido mais amplo, Maldonado (1997) define a violência como sendo o uso de palavras ou ações que machucam as pessoas. É violência também o uso abusivo ou injusto do poder, assim como o uso da força que resulta em ferimentos, sofrimento, tortura ou morte (MALDONADO, 1997). Ou seja, a violência é caracterizada por um comportamento que causa dano a outra pessoa, invadindo a sua autonomia, integridade física e/ou psicológica.

Diante dessa problemática, nota-se que a violência escolar foi difundida pelos meios de comunicação em massa, o que permitiu olhares plurais sobre o assunto em debate. Entretanto, a violência gerada no próprio ambiente escolar é pouco conhecida ainda (SPOSITO, 2001). Apesar do intenso debate público em torno da violência na escola e de sua relação com os segmentos juvenis, ainda são poucos os estudos que abordam o tema das relações específicas entre violência e escola.

Portanto, conceituar a violência em seu sentido amplo traz algumas dificuldades para pesquisadores e teóricos, uma vez que a definição conceitual da terminologia da violência na escola também envolve certa complexidade. Tais dificuldades, conforme aponta Stelko-Pereira e Williams (2010), estão relacionadas ao fato de se adotar uma única definição do que seja violência escolar, tendo em vista que a violência na escola pode se expressar de múltiplas formas e pode ser compreendida de maneiras diversas.

Como se viu, a compreensão da violência no ambiente escolar vai além da análise das causas e das relações que geram condutas violentas no interior da instituição escolar e é esse é

fenômeno que impõe desafios aos pesquisadores e aos profissionais do ensino. Ou seja, essa temática demanda não só o reconhecimento das especificidades das situações, mas também “[...] a compreensão de processos mais abrangentes que produzem a violência como um componente da vida social e das instituições, em especial da escola, na sociedade contemporânea” (SPOSITO, 1998, p. 2).

Nesse sentido, Stelko-Pereira e Williams (2010) afirmam que a definição do termo violência pode se diferenciar de acordo com uma série de fatores e que a violência escolar incorpora tanto a perspectiva mais explícita da violência como agressão entre indivíduos, ou como a violência simbólica que ocorre por meio das regras, normas e hábitos culturais de uma sociedade desigual.

Diante das comparações e diferenciações conceituais, propostas pelos autores citados, e da globalidade do termo violência na escola, afirma-se com estes autores que a violência “[...] diz respeito a todos os comportamentos agressivos e antissociais que ocorrem no ambiente escolar, o que inclui danos ao patrimônio, atos criminosos, conflitos interpessoais” (PINHEIRO; WILLIAMS 2009, p. 996), entre outros pequenos atos que passam despercebidos.

1.1 A Escola e a Violência Escolar

A escola é o primeiro espaço de atuação pública da criança, no qual ela vai interagir com outras pessoas e manifestar sua identidade. Dessa forma, a violência no meio escolar, por intervir no processo de formação do sujeito, tem preocupado os educadores, como Luzardi (2003), os quais afirmam que todo e qualquer tipo de violência bloqueia as potencialidades do desenvolvimento pleno do seu humano, o que impossibilita o exercício de ser cidadão. No que tange à vida escolar, a violência traz prejuízos ao desempenho acadêmico do aluno e ao estabelecimento de suas relações saudáveis.

Entretanto, como mencionado anteriormente, a violência deve ser analisada sobre vários enfoques e nesse sentido vale ressaltar que a violência na escola, além de outros fatores, pode estar relacionada à resistência dos alunos às normas impostas pela própria instituição escolar. Como afirma Guimarães (1996), a escola tem mecanismos disciplinares que levam à padronização dos comportamentos de alunos, professores e outros funcionários. A autora ainda postula que a indisciplina é uma possível forma de resistência por parte dos alunos, que não se submetem às normas impostas pela escola.

De uma forma mais aprofundada, Lopes e Gasparin (2003) caracterizam a violência escolar como todo ato que impede, em sentido amplo, o pleno desenvolvimento dos atores sociais presentes no ambiente escolar. Para os autores, trata-se da negação de direitos básicos, um ataque à cidadania. Ou seja, a violência escolar vai além de um ato agressivo instintual, e sim quando esse ato passa a ser um instrumento proposital de destruição.

Diante da complexidade que envolve o conceito de violência, Minayo et al., (1999) assinalam que ela necessita ser interpretada em suas várias faces, de forma interligada, em rede, e por meio dos eventos pelos quais se expressa, repercute e se reproduz. Sendo assim, sua definição envolve múltiplos enfoques e direcionamentos, criando um emaranhado de interpretações e conceitos. Ainda de acordo com os autores supracitados, qual seja a forma a ser investigada, a violência deve envolver diferentes contextos, levando em conta a complexidade desse fenômeno. Para os autores, essa dificuldade está atrelada a sua forma, por ser ela, por vezes, própria da relação pessoal, política, social e cultural e /ou ainda resultante das interações sociais.

Sendo assim, o objetivo do presente artigo foi investigar o índice de violência sofrido por alunos do sexto ano de uma escola da rede pública de ensino do interior do estado de Rondônia.

2 MÉTODO

A abordagem utilizada foi a do tipo quantitativo-descritiva, com o objetivo de obter informações sobre as várias formas que a violência assume no cotidiano escolar. Segundo Marconi e Lakatos (2006), a abordagem quantitativa consiste em investigações de pesquisa empírica, cuja principal finalidade é o delineamento ou a análise das características de fatos ou fenômenos, a avaliação de programas, ou o isolamento de variáveis principais, ou chave. Já a pesquisa descritiva, para Gil (2008), tem por objetivo a descrição das características de determinada população, podendo ser elaboradas também com a finalidade de identificar possíveis relações entre variáveis.

A amostra foi composta por 108 alunos do sexto ano, sendo 51 meninos e 57 meninas em idade entre 11 e 14 anos, de uma escola da rede pública estadual de ensino do município de Rolim de Moura – RO, aos quais foram solicitadas as assinaturas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos pais e/ou responsáveis. Os critérios de

inclusão foram: estar devidamente matriculado no sexto ano em instituição de ensino pública e obter autorização dos pais para participar da pesquisa por meio do TCLE.

Como instrumento para coleta de dados, foi utilizado um questionário adaptado do Inventário de Indicadores de Violência no Espaço Escolar - IIVE, (CHARCZUK, 2005). Tal instrumento visa diagnosticar a percepção de estudantes e professores acerca das diversas formas de manifestação que a violência assume no ambiente escolar e as possíveis variáveis associadas a ela.

O inventário é composto de duas partes. Na primeira, os participantes são solicitados a fornecer alguns dados sócio-demográficos. A segunda parte é subdividida em três subescalas: a primeira subescala corresponde às manifestações de violência na escola e é composta por (32) itens; a segunda subescala reúne (16) itens referentes a ocorrências pessoais de violência dentro da escola; e a terceira subescala é composta por (9) itens que dizem respeito a sentimentos que os alunos podem ter em relação à violência na escola. Trata-se de uma escala do tipo *Likert*, na qual o zero (0) representa a ausência de ocorrência de eventos violentos e o cinco (5) representa sempre ocorrência de eventos violentos.

Para adaptação do questionário ao objetivo do estudo, foram excluídos os itens sobre drogas (09) e (10) da primeira subescala: manifestações de violência na escola e os itens (35) e (36) da segunda subescala: ocorrências pessoais de violência dentro da escola. Excluiu-se também os itens (17, 18, 19, 27 e 28) da primeira subescala e os itens (41, 42, 47 e 48) da segunda subescala, relacionados à violência sexual aluno/aluno e aluno/professor. Buscou-se categorizar os demais itens em três grupos que correspondessem, respectivamente, aos três tipos de violência investigadas: *física*, caracterizada por brigas, agressões físicas, de acordo com Camacho (2000); *verbal*, constituída por xingamentos e desrespeitos; e *psicológica*, segundo Stelko-Pereira e Williams (2010), caracterizada por ameaças, exclusão e humilhação.

Ao iniciar o estudo, foi feito contato com a direção da escola para a apresentação dos objetivos do estudo e, após o conhecimento do projeto e de sua aprovação pela direção, os professores das turmas dos sextos anos foram contatados para esclarecimentos acerca dos objetivos da pesquisa, a fim de estabelecer junto a eles um cronograma para aplicação do inventário.

Em seguida, foram solicitados à escola o nome e o endereço dos pais ou responsáveis pelos alunos, a fim de apresentar o estudo. Logo após uma semana, os pais ou responsáveis foram contatados e, no momento oportuno, foram apresentados os objetivos da pesquisa e sanadas todas as dúvidas existentes. Para aqueles que concordaram com a participação do(a)

filho(a) foi feita a leitura e solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), autorizando o aluno a participar da referida pesquisa.

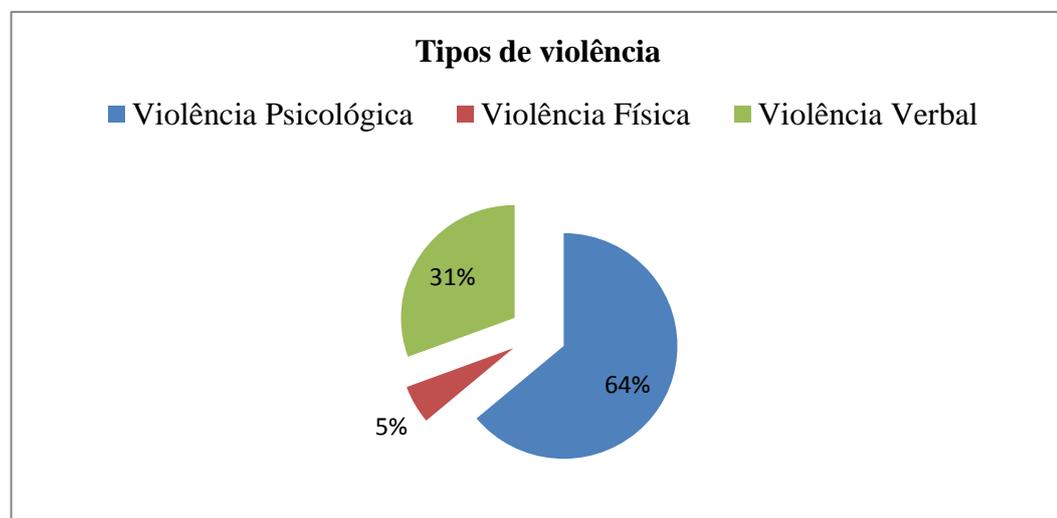
Com a amostra definida, o passo seguinte foi definir junto com os professores e diretor as datas e horários para a aplicação do Inventário. Sendo assim, a coleta de dados foi realizada de acordo com o cronograma estabelecido com os professores e aconteceu de forma coletiva, com duração média de 55 minutos, durante quatro dias, considerando que a coleta se deu em quatro salas dos sextos anos. Após a aplicação e recolhimento do inventário, os dados foram tabulados em Planilha do Excel e analisados de acordo com as orientações do instrumento e da literatura especializada.

3 RESULTADOS

Para melhor compreensão, os resultados foram analisados a partir do fator gênero: vitimização dos alunos do sexo masculino no espaço escolar (Gráfico 1); vitimização dos alunos do sexo feminino no espaço escolar (Gráfico 2); e também por meio de um resultado geral que mostrou o índice de violência, englobando os dois gêneros (Gráfico 3).

A partir do referencial teórico e dos dados empíricos coletados, pôde-se observar que a violência presente no espaço escolar investigado está relacionada a um padrão de convivência com pequenos atos de violência apresentados nesse ambiente. Nesse sentido, faz-se necessário conhecer o perfil dos sujeitos participantes do estudo.

Gráfico 1 - Vitimização dos alunos do sexo masculino no espaço escolar quanto ao tipo de violência, 2014.



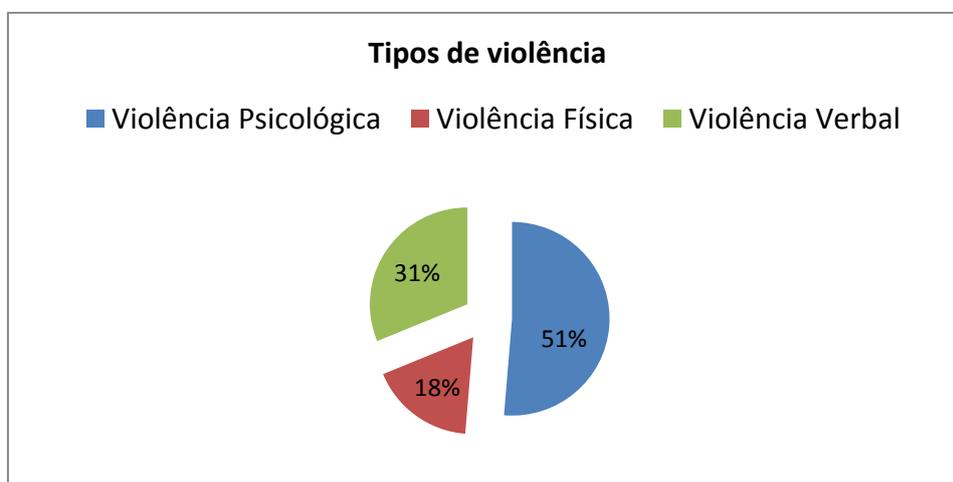
Fonte: Autores, 2014.

Quanto ao gênero, observa-se que há uma aproximação em números, sendo o sexo masculino representado por 47,2% total dos alunos entrevistados, seguido de 52,8% do sexo feminino com idade entre 11 e 14 anos, com média de idade de 12,5 anos de idades. Dos 108 alunos participantes, 35 são filhos de pais divorciados, destes, 22 moram com a mãe.

Quanto à vitimização dos alunos, os dados demonstrados no gráfico 1 revelaram que a violência psicológica, caracterizada pela humilhação e ameaças, foi a forma de violência mais sofrida pelos participantes do sexo masculino, representada por 64% de ocorrência.

O segundo tipo de violência mais evidenciada pelos alunos do sexo masculino foi a violência verbal, configurada pelos xingamentos e desrespeitos. De acordo com os achados nesta pesquisa, 31% dos meninos já passaram por violência verbal. A violência física, caracterizada pelo uso da força com o objetivo de ferir deixando ou não marcas evidentes no outro, aparece em terceiro lugar e foi mencionada por 5% dos meninos.

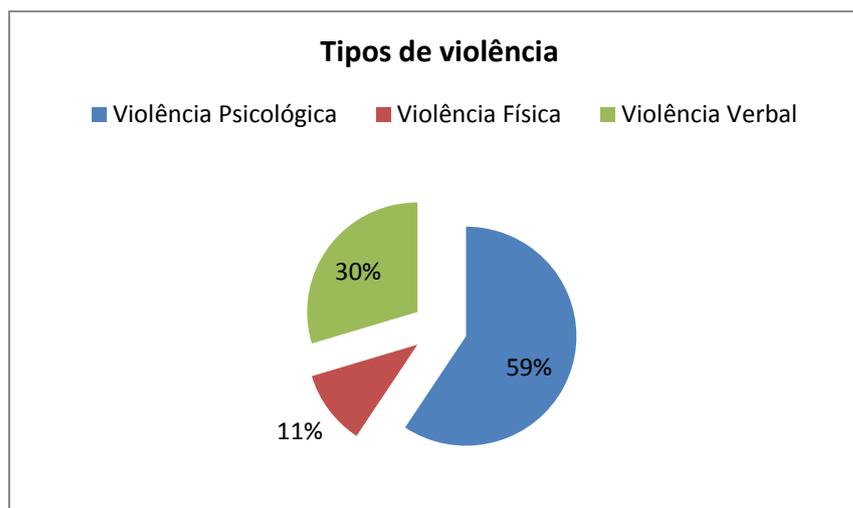
Gráfico 2 - Vitimização dos alunos do sexo feminino no espaço escolar quanto ao tipo de violência, 2014.



Fonte: Os autores, 2014.

Quanto aos índices de vitimização dos alunos do sexo feminino, a violência psicológica também apareceu como prevalente, com 51%, ver Gráfico 2. Em segundo, a violência verbal (31%) e, em terceiro, a violência física (18%). A violência física apresentou uma porcentagem superior a dos meninos, caracterizando um índice mais de três vezes maior.

Gráfico 3 - Total de alunos vítimas de algum tipo de violência no espaço escolar, 2014.



Fonte: Autores, 2014.

Levando em consideração ambos os sexos, os resultados revelaram que 54,6 % dos alunos participantes já foram vítimas de violência psicológica; 35,2%, de violência verbal e 10,2%, de violência física. Ainda segundo os dados, 36,1 % já sofreram mais de um tipo de violência.

4 DISCUSSÃO

Os dados quantitativos revelaram que a violência psicológica foi à forma de violência mais sofrida pelos participantes do estudo. Segundo Souza (2008), as formas psicológicas de violência são caracterizadas por ameaças, rejeição, intimidações, humilhações e desrespeito e nem sempre são percebidas. O mesmo autor ainda acrescenta que a não percepção dessas modalidades de violência colabora para gerar um ambiente de segregação no contexto escolar, bem como a sensação de impunidade por parte de quem pratica esses atos.

Pesquisa realizada por Njaine e Minayo (2003), em escolas de três municípios nacionais, confirmou que a humilhação foi à forma de agressão mais sofrida pelos alunos, confirmando os resultados obtidos neste estudo.

De acordo com Koehler (2003), essas formas de comportamento, psicologicamente violento, envolvem pelo menos três dimensões:

Poder - no sentido de 'resolver pelo outro' e estão explicitados nas seguintes palavras: decidir, ir contra, impedir, acusar, dar ordens, mandar fazer, causar insegurança, ameaçar; Humilhação: 'ridicularizar, chamar por palavrões, desaprovar'; Coisificação do outro: 'esquecer e desprezar, não levar em conta o valor/ desejo/ necessidade do outro, cometer injustiça' (KOEHLER, 2003, p. 4).

Dessa forma, observa-se que nem sempre os alunos são capazes de identificar a violência psicológica como violência, nem aquelas sofridas pelos outros alunos e, principalmente, aquelas sofridas pelos adultos que fazem parte do espaço escolar, pois essas quase sempre são justificadas em nome da “boa educação” (ABRAMOVAY, 2002).

Entretanto, Guimarães (1992) chama a atenção para o fato de que essas dimensões de violência estão relacionadas também com problemas familiares, econômicos, políticos, emocionais que interferem no desenvolvimento dessa violência cotidiana na escola, como também um tipo específico, gerado no interior da própria escola.

Logo após a violência psicológica, a violência verbal aparece como segunda forma sofrida pelos alunos retratada por 21,5% dos meninos e 28% das meninas. Esse tipo de violência foi descrita por eles como xingamentos, apelidos, humilhação no grupo. A violência verbal está interligada com a psicológica e consiste em uma agressão sem uso de força física, isto é, o agressor pode agredir pelo que diz ou pelo que não diz. Um agressor verbal pode ofender moralmente o agredido, utilizando de críticas sobre seu trabalho, o corpo, ou a forma de realizar determinadas tarefas (SAVIOLI et al., 2009; SOUZA, 2008).

Em pesquisa domiciliar realizada com 914 adolescentes, moradores da cidade do Rio de Janeiro, Minayo et al. (1999) mostraram que 55,8% dos jovens das classes A e B e 44,8% das classes C, D e E mencionaram episódios de violência verbal na suas escolas. E as agressões físicas foram mencionadas por 28,2% dos alunos das classes mais altas e 23,3% das mais baixas.

Por último, o presente estudo revelou que a violência física ocorreu em uma proporção maior entre o público feminino se comparado ao masculino. Esse é um fenômeno que vem aumentando nos últimos tempos. Em pesquisas realizadas por Njaine e Minayo (2003), revelou-se que mesmo em proporção menor a linguagem da violência entre as meninas como forma de comunicação surge de modo tão cruel quanto no universo masculino. Essa aculturação que vêm sofrendo as jovens é reflexo do aumento da violência masculina.

Cabe ressaltar que a violência escolar não só coexiste contra outros grupos, mas também dentro do próprio grupo (PRIOTTO; BONETI, 2009, p. 168). Observa-se que as meninas parecem ter se envolvido mais em condutas agressivas, anteriormente, sempre associadas aos meninos. Pesquisa realizada por Lobato e Placco (2007) com professores do ensino público no Estado do Pará sobre violência na escola também vem ao encontro do que se constatou nessa investigação: que há um aumento do número de meninas envolvidas em brigas, insultos e atitudes de desrespeito.

O que transparece é que as relações conflituosas entre as meninas podem ser um indicativo da necessidade de afirmação diante do grupo. Fante (2005) afirma que as meninas estão se manifestando de forma agressiva, com ameaças e até com atos de violência mais graves como forma de demonstrar poder em seus grupos sociais, principalmente na escola.

A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), com uma amostra de conglomerados de 60.973 estudantes do 9º ano do ensino fundamental de escolas públicas e privadas das capitais dos estados brasileiros e do Distrito Federal, mostrou que dentre os escolares entrevistados, 12,9% relataram envolvimento em alguma briga com agressão física nos últimos trinta dias. Esse percentual foi cerca de duas vezes mais alto entre os meninos que representaram 17,5% do que entre as meninas que pontuaram 8,9% (MALTA et al., 2010), dados que corroboram outras pesquisas de âmbito nacional.

Segundo os resultados nacionais, o percentual de meninas envolvidas em violência física é inferior ao dos meninos. Porém, os autores alertam para o fato de que a referida pesquisa foi realizada nas capitais e podem não representar a realidade das cidades do interior.

Ao analisar o fenômeno da violência nas escolas, não basta focalizar atos criminosos extremos, mas também “as violências simbólicas, verbais, morais, psicológicas” contra os alunos (ABRAMOVAY, 2002). É necessário que as investigações levem em consideração o contexto sociocultural e econômico de cada região e das comunidades, onde escolas estão inseridas, de maneira a compreender como a violência é também percebida não só pelas vítimas, mas, sobretudo, pela comunidade em geral.

Deve-se conscientizar a comunidade escolar e não escolar sobre as formas da violência e suas consequências na vida do indivíduo, bem como lhe oferecer condições de análise quanto à influência dos inúmeros fatores de violência externos que refletem no comportamento das crianças na vida escolar, fornecendo subsídios para que os educadores identifiquem e busquem minimizar ou solucionar os mesmos, constituindo, assim, outras pretensões.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a violência física no âmbito escolar ganhe relevância nos meios de comunicação, o presente estudo aponta a violência psicológica e verbal como as formas mais comuns no contexto escolar investigado. Os resultados obtidos mostraram que os pequenos atos de violência não física, como xingamentos, humilhação, exclusão entre outros precedem a violência mais graves, como as agressões físicas.

O estudo revelou, ainda, o crescimento da violência entre meninas, principalmente no que tange à violência física comparada com os resultados obtidos entre meninos. Porém, mesmo estando esse resultado em concordância com alguns estudos, vale ressaltar que a violência física presente no sexo masculino ainda é mais evidenciada na literatura especializada. Isso demonstra que tal fenômeno é passível de novos estudos, a fim de compreensão e confirmação desse resultado.

Considerando que os resultados, de uma forma ampla, mostraram pouco conhecimento dos participantes sobre as mais variadas formas de violência existente no espaço escolar e suas respectivas consequências, o presente estudo sinaliza para a importância de trabalhos que visem o esclarecimento das várias formas de manifestações da violência e suas consequências destrutivas no ambiente escolar, possibilitando uma atuação mais abrangente no campo da prevenção, facilitando a compreensão de como a violência é recebida e interpretada por aqueles que convivem nesse ambiente.

Ter conhecimento dos conceitos de violência contribui com o processo de prevenção contra violência e com a manutenção de um ambiente escolar saudável, favorecendo o cumprimento do dever da escola como lugar privilegiado de transformação para uma sociedade menos violenta, podendo, assim, evitar que a prática de pequenos atos de violência seja entendida como “normal” e, conseqüentemente, chegando a uma forma de violência mais grave.

Ao trazer essa compreensão para a percepção de alunos e professores, sobre as mais variadas formas que a violência pode assumir no espaço escolar, destaca-se a necessidade de estudos que venha a aprofundar essa temática, visto que esse é um tema complexo e abrangente.

Para finalizar, espera-se que o discernimento crítico sobre o tema possa contribuir com propostas de prevenção à violência no âmbito escolar, favorecendo a criação de um ambiente de respeito mútuo, cooperação e solidariedade, uma vez que a escola vai além da transmissão de conhecimentos, constituindo-se, também, como um espaço de transformação do sujeito, de socialização, da promoção da cidadania, da formação de atitudes e do desenvolvimento pessoal.

A partir dessa premissa, espera-se que o estudo sirva de instrumento sinalizador para identificar pistas que possam contribuir com propostas para a prevenção da violência no espaço escolar. Assim, mais do que discutir as questões que envolvem a violência, este trabalho pretende provocar discussões e reflexões, suscitando novas questões para se chegar ao entendimento e à superação dos conflitos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. *et al.* Violência nas escolas: revisitando a literatura. In: _____. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2002. p. 67-94.

ANSER, M. A.C. I.; JOLY, M. C.R.A.; VENDRAMINI, C.M.M. Avaliação do conceito de violência no ambiente escolar: visão do professor. **Psicol. teor. prat.**, v.5, n.2, pp. 67-81, 2003. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v5n2/v5n2a07.pdf>>. Acesso em: 26 jun. 2014.

CHARCZUK, S. B. **Elaboração e avaliação das qualidades psicométricas do inventário de indicadores de violência na escola**. Dissertação não publicada, Curso de Pós-graduação em Ciências da Saúde, da Universidade Vale do Rio dos Sinos. Porto Alegre, RS, 2005.

FANTE, C. Fenômeno *bullyin*. In: _____. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2. ed. São Paulo: Verus, 2005. p. 27-90.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUIMARÃES, A. M. A Escola e a ambiguidade. In: BORGES, A, S. et al. **O papel do diretor e a escola de 1º grau**. São Paulo, 1992. p. 51-74.

_____. Indisciplina e violência: a ambiguidade dos conflitos na escola. In: AQUINO, J. G. **Indisciplina na escola**. São Paulo: Summus, 1996. p. 73 - 82.

KOEHLER, S. M. F. Violência psicológica: um estudo do fenômeno na relação professor-aluno. In: **Congresso internacional la nueva alfabetización: um reto para la educación del siglo xxi**, 2003. Disponível em: <<http://www.cesdonbosco.com/revista/congreso/36-Sonia%20Ferreira%20Koehler.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2014.

LOBATO, V. S.; PLACCO, V. M. N. S. Concepções de professores sobre questões relacionadas à violência na escola. **Psicologia da educação**, v. 24 p. 73-90, 2007. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n24/v24a06.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2014.

LOPES, C. S.; GASPARIN, J. L. Violência e conflitos na escola: desafios à prática docente. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 25, n. 2, p. 295-304, 2003. Disponível em: <http://www.naoviolenca.org.br/pdf/Violenciaeconflictosnaescola_CLopeseJGasparin.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2014.

LUZARDI, A. E. et al. Enfrentando a Violência: educação para a paz e direitos humanos na formação profissional. In: Seminário latino-americano de serviço social, 2003, Porto Alegre. **Anais**. 1 CD-Rom.

MALDONADO, Maria Tereza. Os construtores da paz: caminhos da prevenção da violência. Coleção Polêmica. São Paulo: Moderna, 1997.

MALTA, D.C. et al. Vivência de violência entre escolares brasileiros: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). **Ciênc Saúde Coletiva**, v. 15, n. 2, p. 3053-63, 2010.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v15s2/a10v15s2.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2014.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MICHAUD, Y. A violência. Tradução L. Garcia. São Paulo: Editora Ática, 1998.

MINAYO, M. C. S. et al. **Fala galera: juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

NJAINÉ, K.; MINAYO, M. C. S. Violência na escola: identificando pistas para a prevenção. **Comunic, Saúde, Educ**, v.7, n.13, p.119-34, ago. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v7n13/v7n13a08.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

Organização Mundial da Saúde. **Informe mundial sobre la violencia y salud**. Genebra (SWZ): OMS; 2002.

PINHEIRO, F. M. F.; WILLIAMS, L. C. A. Violência intrafamiliar e intimidação entre colegas no ensino fundamental. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 138, p. 995-1018, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v39n138/v39n138a15.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2014.

PRIOTTO, E. P.; BONETI, L. W. Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola. **Revista Diálogo Educacional**, v. 9, n. 26, p. 161-179, 2009. Disponível em: <http://www.pucpr.edu.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/108_53.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2014.

PUPO, K. R. **Práticas de violência moral no interior da escola: um estudo exploratório das representações do fenômeno sob a perspectiva do gênero**. 2007. 242 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) Faculdade de educação, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2007.

SAVIOLI, K.C. et al. Manifestações de violência retratadas pelos alunos na escola pública no município de Fortaleza: um recorte temático da percepção do aluno. **Cadernos ESP**, v. 3, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://www.esp.ce.gov.br/cadernosesp/index.php/cadernosesp/article/viewFile/26/24>>. Acesso em: 17 abr. 2014.

SOUZA, M.R. Violência nas escolas: causas e consequências. **Caderno Discente do Instituto Superior de Educação**, Aparecida de Goiânia, Ano 2, n. 2, p. 119-136, 2008. Disponível em: <<http://www.faculdadealfredonasser.edu.br/files/pesquisa/Artigo%20VIOL%C3%8ANCIA%20NAS%20ESCOLAS%20-%20CAUSAS%20E%20CONSEQU%C3%8ANCIAS.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2014.

SPOSITO, M. P. A instituição escolar e a violência. **Cadernos de Pesquisa**. Fundação Carlos Chagas, v. 104, 1998. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/iea/textos/spositoescolaeviolenca.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2014.

STELKO-PEREIRA, A.C.; WILLIAMS, L. C. A. Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente. **Temas psicol.**, v.18, n.1, pp. 45-55, 2010. Disponível e: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v18n1/v18n1a05.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2014.

STELKO-PEREIRA, A. C.; WILLIAMS, L. C. A.; FREITAS, L. C. Validade e consistência interna do Questionário de Investigação de Prevalência de Violência Escolar: versão estudantes. **Avaliação Psicológica**, v.9, n.3, p. 403-411, 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v9n3/v9n3a07.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2014.

WILLIAMS, L. C. A. Sobre deficiência e violência: reflexões para uma análise de revisão de área. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v.9, n.2, p.141-154, Jul.-Dez, 2003. Disponível em: <http://www.ufscar.br/laprev/arquivos/publicacoes/Sobre_deficiencia_e_violencia-reflexoes_para_uma_analise_de_revisao_de_area.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2014.